

# UM GIRO DO SUL PARA O NORTE: A PESQUISA BRASILEIRA DE RÁDIO E A (DE) COLONIALIDADE DO SABER

A TURN FROM SOUTH TO NORTH: BRAZILIAN RADIO RESEARCH AND THE (DE) COLONIALITY OF KNOWLEDGE

UN GIRO DEL SUR AL NORTE: LA RADIOINVESTIGACIÓN BRASILEÑA Y LA (DE) COLONIALIDAD DEL CONOCIMIENTO

## Maíra Rossin Gioia de Brito

■ Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal do Paraná e mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Integra o grupo Click (Comunicação e Cultura Ciber). Graduada em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

■ *Estudiante de Doctorado en Comunicación, en la línea de Comunicación y Formación Sociocultural de la Universidad Federal de Paraná y maestría en Estudios del Lenguaje de la Universidad Tecnológica Federal de Paraná. Miembro del grupo Click (Comunicación y Cibercultura). Licenciado en Comunicación Social, especialidad en Periodismo, por la Pontificia Universidad Católica de Campinas.*

■ E-mail: mairargioia@gmail.com

## Valquíria Michela John

■ Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. Professora do PPGCOM e da graduação do Decom/UFPR. Vice-líder do grupo Nefics. Coordena o grupo Obitel UFPR, integrante da Rede Obitel Brasil. Atua na Agência Escola de Comunicação Pública e Divulgação Científica da UFPR e no Programa Interinstitucional Ciência Cidadã na Escola. Bolsista PQ2 CNPq. É vice-presidente da Compós.

■ *Doctorado en Comunicación e Información por la UFRGS. Profesor del PPGCOM y pregraduado del Decom/UFPR. Subdirector del grupo Nefics. Coordina el grupo Obitel UFPR, parte de la Red Obitel Brasil. Trabaja en la Escuela de Comunicación Pública y Agencia de Divulgación Científica de la UFPR y en el Programa Interinstitucional Ciencia Ciudadana en la Escuela. Beca PQ2 CNPq. Es vicepresidente de Compós.*

■ E-mail: vmichela@gmail.com



## RESUMO

Este artigo sistematiza uma cartografia de campo (Martín-Barbero, 2002) da pesquisa radiofônica a partir de um levantamento exploratório nos anais do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros dos Congressos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação entre 2013 e 2019. A discussão se baseia na proposição de Aníbal Quijano (1992; 2000) quanto à colonialidade do saber e se propõe a discutir como os estudos radiofônicos brasileiros estabelecem o giro decolonial (Ballestrin, 2013). Constata-se que os estudos radiofônicos feitos por pesquisadores brasileiros mostram que é possível uma epistemologia a partir dos saberes e práticas do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: RÁDIO; SUL GLOBAL; NORTE GLOBAL; PESQUISA.

## ABSTRACT

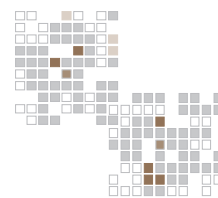
This article systematizes a field cartography (Martín-Barbero, 2002) of radio research based on an exploratory survey in the annals of the Radio and Sound Media Working Group of the Congresses of the Portuguese Society of Communication Sciences between 2013 and 2019. The discussion is based on Aníbal Quijano's (1992; 2000) proposition regarding the coloniality of knowledge and proposes to discuss how Brazilian radio studies establish the decolonial turn (Ballestrin, 2013). It appears that radio studies carried out by Brazilian researchers show that an epistemology based on the knowledge and practices of the South is possible.

KEY WORDS: RADIO; GLOBAL SOUTH; GLOBAL NORTH; RESEARCH.

## RESUMEN

Este artículo sistematiza una cartografía de campo (Martín-Barbero, 2002) de la investigación radiofónica a partir de un estudio exploratorio en los anales del Grupo de Trabajo de Radio y Medios Sonoros de los Congresos de la Sociedad Portuguesa de Ciencias de la Comunicación entre 2013 y 2019. La discusión es se basa en la propuesta de Aníbal Quijano (1992; 2000) sobre la colonialidad del conocimiento y propone discutir cómo los estudios de radio brasileños establecen el giro descolonial (Ballestrin, 2013). Parece que los estudios de radio realizados por investigadores brasileños muestran que una epistemología basada en los conocimientos y prácticas del Sur es posible.

PALABRAS CLAVE: RADIO; SUR GLOBAL; NORTE GLOBAL; INVESTIGACIÓN.



## 1. Introdução

Como ocorrem a produção e a circulação de conhecimentos vem ganhando notoriedade nas mais variadas áreas, visto ser necessário dar visibilidade para o fluxo de informações científicas. Em meio a tal dinâmica, nos deparamos com um polo de investigação que tem o Brasil como referência: o da radiofonia, como destacam pesquisadores europeus:

*Para os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Gallego Pérez, ‘nos últimos anos, o Brasil está na dianteira em termos de produção científica sobre rádio’. É sintomático que o primeiro número da revista *Radio, Sound & Society*, recém-criada pela seção de rádio da **European Communication Research and Education Association (ECREA)**, tenha trazido o dossiê **Latin Radio, Diversity, Innovation and Policies** com a participação de oito pesquisadores brasileiros assinando quatro dos sete artigos (Kischinhevsky et al., 2017, p. 2).*

A ex-presidente da ECREA e uma das editoras da revista *Radio, Sound & Society*, a pesquisadora portuguesa Madalena Oliveira, credita a notoriedade brasileira ao Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom<sup>1</sup>. Segundo a autora, o GP foi capaz de traçar “um sólido repertório bibliográfico de referência obrigatória para inúmeros trabalhos de pós-graduação e muitos autores de língua portuguesa e espanhola” (Oliveira, 2016, p. 15).

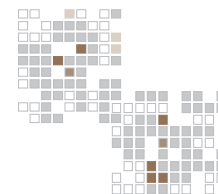
A influência referencial culminou na criação, em 2013, do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM). O grupo

português é um dos exemplos para lançarmos um olhar reflexivo sobre como os estudos radiofônicos brasileiros e, respectivamente seus autores, estão na contramão da dominação epistemológica batizada de Norte Global (Santos, 2007). Dessa maneira, neste artigo lançamos uma reflexão acerca de uma das questões centrais na perspectiva da necessidade de um “giro decolonial” (Ballestrin, 2013) no que se refere à produção e valorização do conhecimento que se produz desde o Sul: a colonialidade do saber (Quijano, 1992; 2005). A proposição de Aníbal Quijano, central para o desenvolvimento do giro epistêmico desenvolvido a partir do grupo Modernidade/Colonialidade, é norteadora da análise e da reflexão aqui empreendida, qual seja, a de tensionar como, a partir dos estudos radiofônicos e de mídias sonoras realizados no Brasil há mais de 30 anos, tem se promovido esse movimento de “sulear” (Campos, 1991; 2019) a pesquisa em Comunicação.

A discussão se desenvolve a partir de um escopo que nos mostra que é possível um trânsito contrário, a partir de uma epistemologia do Sul, ou seja, a partir dos saberes e práticas do Sul em meio a uma jornada intelectual dos pesquisadores que estão “abaixo” da linha abissal (Santos, 2007) – como se uma linha radical pudesse impedir a presença do mundo globalmente - e que contribuem com reflexões sobre um significativo veículo em termos de audiência no Brasil e outras partes do mundo. De acordo com a Pesquisa *Inside Radio 2022*, do Ibope (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), 83% da população de 13 regiões metropolitanas do país ouvem rádio. Na Europa, o rádio é o meio de maior credibilidade, segundo o estudo *Net Trust Index 2019*. Dos 33 países analisados, 24 têm o rádio como meio mais confiável pela população.

Dito isso, este artigo aborda o interesse pela comunicação radiofônica apresentando uma cartografia dos estudos apresentados no Grupo

<sup>1</sup> <https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-radio-e-midia-sonora>



de Estudo da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação, onde a pesquisa sobre o rádio está em evidência, assim como os autores brasileiros citados, conforme veremos a seguir. Ao fazer isso, nos vinculamos a uma perspectiva de pensar a Comunicação e os estudos da área desde a perspectiva decolonial, ou seja, do Sul, com o Sul e para o Sul e, neste caso, pensando os contrafluxos da produção do saber, que vai do Sul para o Norte, estabelecendo a ruptura que Quijano (1992) definiu como a colonialidade do saber. Se como aponta Grosfoguel (2008) ser decolonial é promover o processo de “descolonização do pensando”, a cartografia aqui realizada busca, justamente, esse movimento e contribui, como aponta Amaral (2023) para um movimento de “subversão” do pensamento comunicacional ao partir da perspectiva decolonial. Como destaca a autora, o pensamento decolonial “[...] subverte, em certa medida, as lógicas epistemológicas concretizadas, no intuito de oferecer outros caminhos para a construção do saber e do pensar. Essa proposta também pode ser apropriada aos estudos e pesquisas em comunicação” (p. 473). É justamente esse movimento que buscamos com a cartografia aqui realizada.

## 2. Um olhar além das invisibilidades

A intelectual negra, psicóloga, filósofa, escritora e artista plástica, nascida em Portugal, Grada Kilomba, nos alerta, no livro *Memórias da Plantação* sobre o racismo cotidiano a partir de narrativas autobiográficas de mulheres negras. Em meio ao contexto, Kilomba traz ainda a reflexão sobre como ocorre um epistemicídio do conhecimento gerado a partir do Sul:

*Qualquer forma de saber que não se enquadre na ordem eurocêntrica de conhecimento tem sido continuamente rejeitada, sob o argumento de não constituir ciência credível. A ciência não é, nesse sentido, um simples*

*estudo apolítico da verdade, mas a reprodução de relações raciais de poder que ditam o que deve ser considerado verdadeiro e em quem acreditar* (Kilomba, 2019, p. 53).

É como se o Sul estivesse ‘fora do mapa’. Um ponto de partida essencial desta proposta epistemológica que deixa o Sul ‘fora do mapa’ é a convicção de que todos os saberes são incompletos, condição a que não escapa a própria ciência (Santos; Araújo; Baumgarten, 2016). Nesse contexto, em torno da existência de um pensamento abissal (Santos, 2007), surge uma proposta para que haja reflexão com o objetivo de que as relações não sejam hierárquicas entre os saberes, sejam eles saberes científicos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, indígenas, entre outros. As diferenças devem ser horizontais e não verticais.

A revolta intelectual contra essa perspectiva e contra esse modo eurocentrista de produzir conhecimento nunca esteve exatamente ausente, particularmente na América Latina, mas apenas tomou corpo após a Segunda Guerra Mundial. São pesquisadores e pesquisadora que promovem discussão e a reflexão sobre como o colonialismo, além de todas as dominações pelas quais foi marcado, foi ainda uma dominação epistemológica. Se concretizou em uma relação desigual de saber-poder que conduziu à eliminação de muitas maneiras de saber dos povos e nações colonizadas.

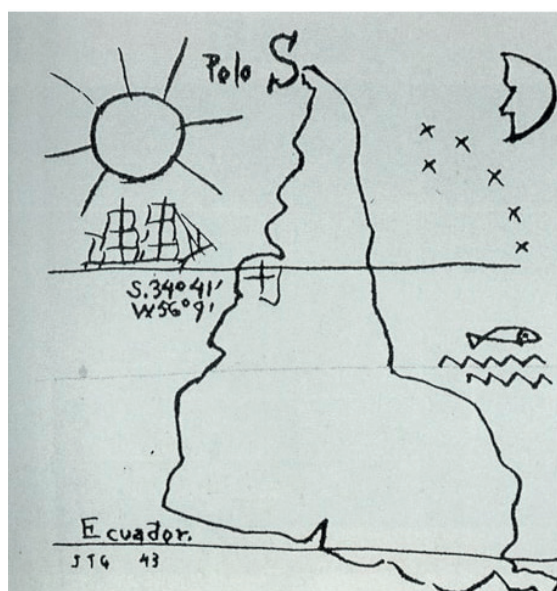
Para Quijano (2005), a pretensão eurocêntrica de ser a “exclusiva produtora e protagonista da modernidade, e que toda modernização de populações não europeias é, portanto, uma europeização, é uma pretensão etnocentrista e além de tudo provinciana” (Quijano, 2005, p. 112). Como o autor aponta, a colonialidade “consiste, en primer término, en una colonización del imaginario de los dominados. Es decir, actúa en la interioridad de ese imaginario. En una medida,



es parte de él” (Quijano, 1992 p. 12).

O conceito de colonialidade do poder desenvolvido Quijano, foi o articulador do grupo Modernidade/Colonialidade, que congrega uma série de pesquisadores e pesquisadoras que propuseram o “giro decolonial” (Ballestrin, 2013), ou seja, a perspectiva de compreender as práticas e os processos socioculturais sobre o sul, desde o sul e para o sul. Uma forma de ilustrar essa perspectiva epistêmica é o mapa invertido da América do Sul, proposto pelo artista plástico uruguaio Joaquín Torres García, em 1943 e que pode ser visualizado a seguir:

**Figura 1. Mapa invertido da América do Sul**



Mapa invertido da América do Sul, Torres Garcia. Fonte: [Wikiart](#)

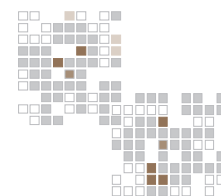
Ao propor a chamada *Escuela del Sur*, Torres Garcia afirmou que:

*[...] na realidade nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, senão por oposição ao nosso Sul. Por isso pomos agora o mapa ao contrário, e assim temos a ideia correta de nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, ao prolongar-se, a partir de agora, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte* (Torres García, 1984, s/p).

A perspectiva de um “giro decolonial” consiste em, justamente, valorizar as pesquisas, as reflexões e os saberes provenientes do Sul, inclusive aqueles que se produzem fora dos espaços acadêmicos. O conceito central, que articulou o grupo M/C, e que tem mobilizado outros pesquisadores e pesquisadoras desde então, mesmo que não necessariamente auto definidos como “decoloniais” é o proposto por Quijano. É fundamental reconhecer, seguindo a proposição do autor, que a colonialidade opera em três dimensões: a do poder (aspecto central), a do saber (onde operam, inclusive, os epistemicídios) e a do ser. Como aponta Mignolo, outro integrante fundamental do grupo M/C, “[...] a colonialidade é o lado obscuro necessário da modernidade; é a sua parte indissociavelmente constitutiva” (Mignolo, 2003 *apud* Ballestrin, 2013, p. 100). Ainda para Quijano (2000), a colonialidade “origina-se e mundializa-se a partir da América” (p. 342). Neste contexto, opera também a colonialidade do saber, ou seja, a imposição epistêmica de que o conhecimento de dá desde o Norte, o saber considerado válido tem, assim, uma perspectiva universalista e, deste modo, eurocêntrica:

*Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e às necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América* (Quijano, 2005, p. 9).

Conforme aponta o autor, “A longo prazo, em todo o mundo eurocentrado foi-se impondo a hegemonia do modo eurocêntrico de percepção e produção de conhecimento e numa parte muito ampla da população mundial o próprio imaginário foi, demonstradamente, colonizado” (p. 104). Esse aspecto pode ser observado na



própria pesquisa em Comunicação realizada no Brasil. Nos mapeamentos que tem realizado sobre os autores mais utilizados pelos pesquisadores brasileiros no Encontro Nacional da Compós, a pesquisadora Vera França, da Universidade Federal de Minas Gerais, e seu grupo de pesquisa<sup>2</sup>, têm constatado que permanece o cenário já apontado por outros pesquisadores e outros mapeamentos, qual seja, o do predomínio de referências teóricas provenientes do Norte Global nos artigos produzidos pelos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros. Ao analisar o GT de Jornalismo da Compós, a autora constata que Nelson Traquina (1948-2019) é o autor mais citado (Simões; França et al, 2020). Porém, entre os achados de Simões e França et al (2020), destaca-se que os autores brasileiros citados, ao menos nos trabalhos relacionados ao jornalismo, estão na mesma proporção (50%) que os autores estrangeiros.

Como se vê, é necessário promover o “giro decolonial” nos estudos em Comunicação, neste caso específico, nos estudos em comunicação brasileiros. Entendemos, tal como Amaral (2021) que tomar esta posição – a de adotar a perspectiva decolonial nos estudos em comunicação - não significa “[...] rejeitar ou anular as teorias e reflexões elaboradas até o momento dentro do campo, mas agregar os pensamentos elaborados e sugerir outros caminhos epistemológicos ou das práxis da comunicação enquanto epistemologia latino-americana (p. 479). Ao destacar os estudos radiofônicos e mídias sonoras brasileiros e seu

movimento de adentrar ao “Norte”, foco deste artigo, buscamos contribuir para as reflexões quanto à “[...] importância e necessidade de reconfigurar outras propostas epistemológicas para o campo, não se detendo apenas às teorias e pensamentos europeus ou estadunidenses (Amaral, 2021, p. 479).

### 3. Os estudos radiofônicos do Sul

Nesse ambiente, de um pensamento que permite uma reinvenção dos polos, é que encontramos os estudos de rádio. A internacionalização das pesquisas radiofônicas feitas no Brasil provocou a realização de trabalhos sistemáticos e inspirou a criação, inclusive, do Grupo de Estudo da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação, como citado na seção anterior. Por isso, necessário entender o contexto de criação do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom, conhecido pela regularidade de produção, quantidade de publicações coletivas e atuação colaborativa.

Dessa maneira, ao longo de sua história, o GP se tornou protagonista na construção do campo acadêmico do rádio no Brasil e ampliou suas finalidades, incorporando outros desafios, como o de refletir as especificidades do seu objeto de estudo inserido no campo da Comunicação. Focado neste e em outros objetivos, o grupo “veio tornar-se o maior e mais importante polo de investigação e referência sobre radiofonia do país. Ao conseguir catalisar e formar extensa rede de estudiosos do rádio, tecida para realizar a fundamental tarefa de fazer (Maia, 2019, p. 121).

Importante destacar que, além de lançar um olhar para uma rede que executa pesquisa com um diálogo mais ao Sul, este artigo também coloca em pauta outra invisibilidade: a do próprio rádio em meio ao contexto científico. Em sua tese de doutorado, Eduardo Meditsch

2 A compilação dos resultados dos levantamentos que têm sido realizados pela autora para compreender as principais bases teóricas da pesquisa em Comunicação no Brasil, com foco especialmente nos GTs da Compós, pode ser encontrada em: <http://www.fafich.ufmg.br/gris/projetos/projeto-as-novas-teorias-da-comunicacao/>. Os levantamentos indicam que, por exemplo, nos trabalhos apresentados nos GTs de Novas Mídias, Comunicação e Sociabilidade e Epistemologia da Comunicação de Compós, Michel Foucault é o autor mais citado pelos pesquisadores brasileiros.

(2007) trouxe um panorama da bibliografia sobre o rádio em nível mundial. A conclusão foi de que havia pouca produção de conhecimento sobre o rádio. O predomínio era de estudos de natureza técnica, com pouco espaço para uma análise mais complexa. No caso do Brasil, a situação era ainda pior. O autor conseguiu identificar apenas uma produção editorial incipiente. Dezesesseis anos depois, já vislumbramos uma realidade distinta, promissora e que atravessa fronteiras. Por isso, é necessário refletir não só sobre o meio rádio, mas, principalmente, sobre seus pesquisadores:

*[...] um meio inquieto que, ao longo de sua história passa por diferentes mudanças e adaptações. Faz-se então necessário refletir sobre os paradigmas que amparam nosso pensamento [...], os pesquisadores mais uma vez atenderam ao desafio e buscaram os teóricos que pensam o rádio. Que teorias este meio é capaz de provocar e quais os teóricos que vêm dando ao rádio este status acadêmico, são algumas questões desta obra que busca também verificar a contribuição destes mesmos autores para pensar o rádio na contemporaneidade (Cunha, 2005, p. 13).*

O apagão científico foi ainda mais significativo em Portugal. Em artigo publicado em 2015, a pesquisadora portuguesa Madalena Oliveira, que também integra o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, apresentou uma cartografia desse veículo, considerado por ela, de presença popular, porém discreta no mundo acadêmico.

*Na década de 1970, Ângela Faus Belau, considerou-o um meio desconhecido (1981). Vinte anos depois, Edward Pease e Everette Dennis ainda falavam da rádio com um meio esquecido. Para os autores, como o ar, também o rádio está aí, sendo parte da paisagem*

*mediática e social, mas raramente reconhecido ou notado (Oliveira, 2015, p. 239).*

Outro destaque é para a então inexistência, em Portugal, de uma revista científica dedicada aos meios sonoros, fazendo com que os pesquisadores portugueses encontrassem espaço nas publicações brasileiras, como a antiga Rádio-Leituras, atual Radiofonias<sup>3</sup>, publicada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto e do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (Conjor), e a Revista Sonora<sup>4</sup>, editada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e dedicada à publicação de trabalhos tecnológicos e aplicações sonoras.

Veremos a seguir que, apesar das dificuldades, os estudos de rádio, especialmente aqueles feitos por brasileiros, contribuem para a construção de um pensamento pós-abissal e referenciam pesquisadores de nacionalidade brasileira tornando possível um pensamento a partir do Sul e, deste modo, buscando a superação da colonialidade do saber (Quijano, 2005) nessa área.

#### **4. Perspectivas e análise: o que se pesquisa**

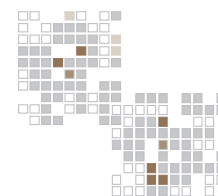
Com o objetivo de cartografar, realizou-se o levantamento exploratório nos anais dos Congressos da Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação<sup>5</sup> desde sua constituição, em 2013, até a edição realizada em 2019, totalizando quatro edições. As informações são extraídas de consultas no site da entidade, onde foi realizado o levantamento da quantidade de artigos científicos produzidos.

O corpus delimitado, dentro do Grupo de Trabalho de Rádio e Meios Sonoros, totalizou 21 trabalhos. O objetivo foi traçar uma cartografia

3 <https://periodicos.ufop.br/radiofonias>

4 <https://www.iar.unicamp.br/revista-sonora/>

5 <https://sopcom.pt>



do campo (Martín-Barbero, 2002) ao organizar um mapa capaz de balizar a análise. Consideramos aqui que na área da Comunicação há uma pluralidade grande no uso da cartografia, sendo aceitável o termo em uma diversidade de estudos:

*[...] cartografia aparece como sinônimo de mapeamento, levantamento de dados ou pesquisa exploratória [...] Outros autores a empregam como compilação de dados, ou seja, um modo de apresentar as informações coletadas ao final do trabalho, após o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos metodológicos. Por fim, há um grupo que prefere usá-la para a análise de um corpus e tem aqueles que entendem ser conveniente aplicá-la para coletar dados de coletivos humanos (Rosário, 2016, p.178).*

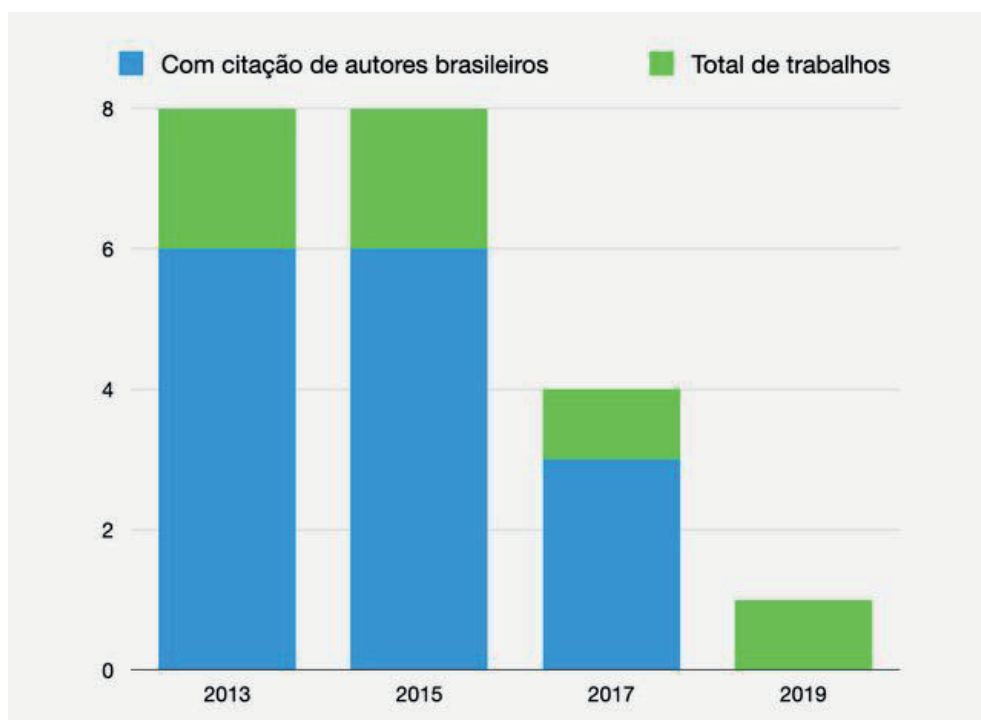
Os *papers* foram analisados a partir de duas categorias: nacionalidades dos pesquisadores (autores dos artigos) e citação de autores

brasileiros nas referências bibliográficas dos artigos. Para a categorização foram levados em consideração os resumos e as referências bibliográficas e, quando necessário, incluída a leitura do *paper*.

A frequência de trabalhos apresentados sofreu redução, especialmente nas duas últimas edições: 2013 (8 artigos), 2015 (8 artigos), 2017 (4 artigos) em 2019 (1 artigo).

Quase 73% (72,7%) dos 21 trabalhos citaram ao menos um autor brasileiro, ou seja, 16 deles, conforme mostra o **Gráfico 1**. O dado corrobora com os pesquisadores espanhóis Fernández Sande e Gallego Pères (2016) de que os autores brasileiros estão em evidência em termos de produção científica sobre o rádio. O dado também contribui para tensionar, tendo como base o escopo citado, a afirmação de Grada Kilomba (2019) de que qualquer conhecimento gerado a partir do Sul tem sido, de maneira sistêmica, rejeitado sob o argumento de não constituir ciência credível.

**Gráfico 1. Quantidade de trabalhos que citam autores brasileiros**



Fonte: as autoras



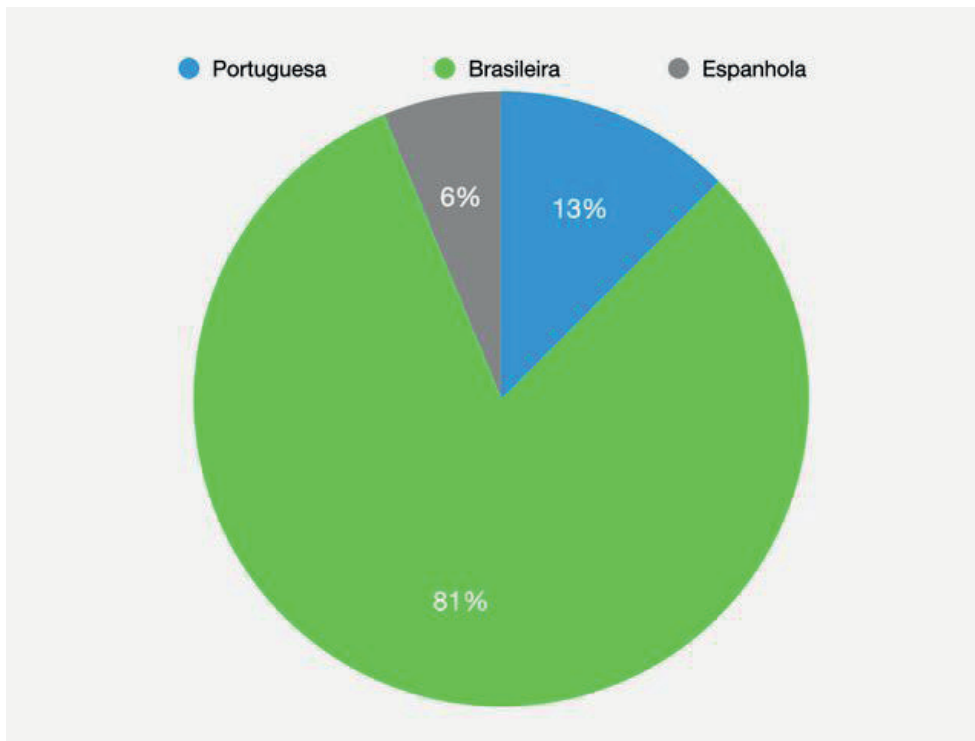


Entre os trabalhos que citam autores brasileiros estão artigos, em sua maioria, elaborados por brasileiros, constituindo 81,25% do total (13 artigos). Os portugueses aparecem na sequência, formando 12,5% do total (2 artigos). Por fim, 6,25% (1 artigo) do total são constituídos por estudo de pesquisador espanhol, conforme elencado no **Gráfico 2**. O dado nos apontam para um fluxo de informações científicas no campo teórico-metodológico do rádio e das mídias sonoras cuja rota se constitui da ex-colônia (Brasil) para o colonizador (Portugal),

ainda que seja, majoritariamente, pelos próprios pesquisadores brasileiros cruzando o oceano.

Por outro lado, o fato de termos pesquisadores portugueses e espanhóis dentre aqueles que citam autores brasileiros confirma que o Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que deu base para o comitê português, se tornou um celeiro de repertório bibliográfico de referência em trabalhos de pós-graduação e de muitos autores de língua portuguesa e espanhola (Oliveira, 2016).

**Gráfico 2. Nacionalidades dos pesquisadores que citam autores brasileiros**



Fonte: as autoras

Os autores brasileiros que são referenciados compõem um grupo com mais de 30 nomes, conforme pode ser observado no **Quadro 1**. São citados em trabalhos com temáticas diversificadas e alguns deles referenciados

em mais de um artigo, o que corrobora o aspecto destacado por Cunha (2005) de que os pesquisadores buscaram teóricos que pensam o rádio e dando reconhecimento àqueles que dão status acadêmico ao meio.



**Quadro 1. Pesquisadores/as citados/as em cada edição.**

Nome do/a pesquisador/a	Quantidade de citações			
	2013	2015	2017	2019
Álvaro Bufarah	0	1	2	0
André Barbosa Filho	2	0	0	0
Antonio Adami	0	0	1	0
Cicilia M. Krohling Peruzzo	1	0	0	0
Debora Cristina Lopez	0	3	2	0
Doris Fagundes Haussem	2	0	4	0
Eduardo Meditsch	1	1	1	0
Eduardo Vicente	2	0	0	0
Gisela Ortriwano	3	2	0	0
Izani Mustafá	0	0	2	0
Janete El Haouli	0	2	0	0
Janine Marques Passini Lucht	2	0	0	0
José Eugenio de Oliveira Menezes	0	0	1	0
José Henrique da Mata	0	0	1	0
Julia Lúcia Oliveira Silva	1	0	0	0
Lena Benzecry	0	0	1	0
Lia Calabre	1	0	0	0
Lillian Zaremba	0	2	0	0
Lourival da Cruz Galvão Junior	1	0	0	0
Luciano Klockner	0	0	1	0
Luiz Artur Ferraretto	2	5	3	0
Luiz Carlos Saroldi	1	0	0	0
Marcelo Freire	1	0	0	0
Marcelo Kischnevisky	0	4	1	0
Macello Santos de Medeiros	0	0	1	0
Nair Prata	1	2	3	0
Nélia Del Bianco	0	1	0	0
Rachel Severo Alves Neuberger	0	1	0	0
Roscéli Kochhann	0	1	0	0
Sonia Virgínia Moreira	1	0	1	0
Sonia Caldas Pessoa	1	0	0	0
Suely Maciel	1	0	0	0
Valci Zuculoto	1	0	1	0

Fonte: as autoras



Estão destacados em verdes os e as autoras com cinco ou mais citações. Como é possível perceber, além da diversidade de autores brasileiros citados, destaca-se a significativa presença de autoras mulheres, num total de 18, mais da metade, portanto. Além disso, embora o autor mais citado seja Luiz Artur Ferraretto, dos seis autores mais citados, quatro são mulheres, sendo Nair Prata a segunda autora mais citada no geral. Este aspecto é importante na perspectiva das epistemologias do Sul, sobretudo no que se refere ao processo de colonialidade do saber. Embora Quijano (1992; 2005) tenha dado centralidade aos aspectos raciais e de classe nas discussões sobre a colonialidade do poder, autoras como Lugones (2014) enfatizaram a importância de se levar em conta também o gênero no que se refere às problematizações sobre a colonialidade do poder, do saber e do ser. Portanto, além de constatar a presença contundente de autores brasileiros no material analisado, apontando para um efetivo trânsito epistêmico do Sul para o Norte, também encontramos essa importante ruptura na colonialidade do saber: a presença contundente de mulheres como referências nos estudos radiofônicos.

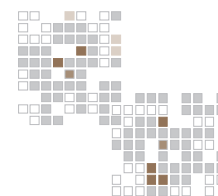
Esse dado contraria, inclusive levantamentos realizados no Brasil, como o feito por Salgado e Mattos (2022). Ao analisarem os artigos apresentados no primeiro quadriênio dos anais da Compós, constatam que nenhuma mulher aparece na lista dos 10 autores mais citados pelos pesquisadores brasileiros em seus artigos. “As mais citadas, a francesa Michèlle Mattelart e a brasileira Lúcia Santaella, se encontram, respectivamente, nas 31<sup>a</sup>. e 32<sup>a</sup> posições (em 3.537 posições de autores/as distintos/as), com 24 menções cada” (Salgado; Mattos, 2022, p. 8). Destacam, ainda, que o único autor não branco presente na lista é o jamaicano Stuart Hall. Esses resultados, em conjunto com outros aspectos apontados na pesquisa levam a afirmar que os

artigos apresentados na Compós “[...] evidenciam a colonialidade de abordagens comunicacionais brasileiras no primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós por parte de homens brancos europeus e norte-americanos” (idem).

## 5. Considerações Finais

Nota-se que, ao menos nos estudos de rádio e no recorte científico nele delimitado, há uma corrente que nos mostra um caminho capaz de romper com invisibilidades, ampliando a representatividade e promovendo equidade. Um possível direcionamento para a superação da colonialidade do saber (Quijano, 1992). O espaço conquistado pelos pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as em publicações nos Congressos da Sociedade Portuguesa da Ciência da Comunicação mostra a vanguarda do Brasil nos estudos do rádio. E mais do que isso: coloca os autores/as brasileiros/as em evidência, mostrando que a produção brasileira construiu um repertório bibliográfico. Estabelece, assim, um trânsito contrário a alguns aspectos da colonialidade do saber (Quijano, 2005), estabelecendo uma abordagem que parte do Sul para o Norte. Como destacam Spyer Dulci e Rocha Malheiros (2021, p. 176) “Vários autores(as) do “giro decolonial” já destacaram o quanto as epistemologias criadas pelo Norte Global são hegemônicas e geraram diversos processos de epistemicídios” (p. 176). Os resultados aqui encontrados apontam para um cenário de contra fluxo a esse processo, de um trânsito que vai do Sul para o Norte.

Por outro lado, é necessário reforçar que o estudo considerou apenas o fluxo criado nas pesquisas de um recorte específico. São necessários outros atravessamentos para ampliar as considerações acerca da notoriedade conquistada pelos pesquisadores brasileiros, aqui elencados como pesquisadores do Sul. De qualquer forma, a análise feita nos mostra, preliminarmente, que é possível um diálogo mais ao Sul, que estabelece

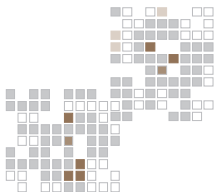


que as diferenças devem ser horizontais e não verticais. Importante considerar que, ao menos nos estudos radiofônicos que emergem do Brasil, talvez estejamos diante de um respiro necessário para acreditarmos que é possível a Europa aprender com o mundo, como pontuou Santos (2007).

Vale destacar, ainda, que nesta análise não foi considerado um aspecto de grande relevância para tensionar a colonidade do poder e do saber (Quijano, 1993), qual seja, a dimensão racial. Como desdobramento e continuidade desta pesquisa, considera-se fundamental incluir este marcador social, sobretudo a partir de aspectos apontados por Salgado e Mattos (2022). No estudo bibliométrico que realizaram, identificaram a pesquisa de Chakravartty et al (2018) realizada nas 12 revistas da área da Comunicação, em língua inglesa, cadastradas na *National Communication Association* (NCA) e na *International Communication Association* (ICA), no intervalo de 1990 a 2016. “Concluíram que pesquisadores/as não brancos/as continuam a ser sub-representados/as em citações, publicações e postos editoriais”. Apontam, ainda, que “Ao longo das décadas, há reforço de racismo e sexismo nas citações e na escrita de artigos científicos da área” (Salgado; Mattos, 2022, p. 6).

Não foi identificado por Salgado e Mattos

(2022) nenhum estudo brasileiro similar, voltado para discutir a questão racial dos autores da área da Comunicação. Considera-se este um aspecto central para a continuidade desta pesquisa, que visa também alargar a cartografia para os trabalhos publicados em outros eventos relevantes para a área da Comunicação, notadamente os de abrangências latino-americana e ibero americana, como o Congresso da Alaic (Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação) e o Ibercom (Congresso Ibero-Americano de Comunicação), além de incluir o principal evento de abrangência mundial da área, o evento da Associação Internacional de Pesquisa em Mídia e Comunicação (*International Association for Media and Communication Research – IAMCR*). Esta cartografia encontra-se em processo de realização e busca tensionar se é, efetivamente possível, a partir do recorte específico dos estudos radiofônicos, encontrar o caminho para “SULear” os estudos em comunicação. SULear<sup>6</sup>, como aponta Marcio D’Olne Campos (2019) é o processo que “[...]problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo nortear, dando visibilidade à ótica do sul como uma forma de contrariar a lógica eurocêntrica, nos desvinculando ou nos desarraigando do Norte como referência universal.” (p. 14)



6 Sobre a origem do termo, ele foi cunhado em 1991 pelo autor. Conforme ele explica: “Estranhamentos e indignações sobre tendências a nos NORTEarmos no sul do equador, tornaram imperativo cunhar o termo antinômico SULear (CAMPOS, 1991 apud CAMPOS, 2019, p. 14). O termo ficou conhecido, porém, ao ser empregado por Paulo Freire na obra *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*’ (CAMPOS, 2019, p. 14)

## Referências

- AMARAL, M. E. P. do. Notas sobre o pensamento decolonial e os estudos da comunicação. *Revista Extraprensa*, 14(2), 471-487, 2021. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2021.181765>
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2069>
- CAMPOS, Marcio D'Oliveira. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica. *Revista Interdisciplinar Sulear*. Ano 2, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sulear/article/view/4140>
- CUNHA, Mágda. Prefácio. In: MEDITSCH, Eduardo. *Teorias do rádio: textos e contextos*. Florianópolis, v. 1: Insular, 2005.
- SPYER DULCI, T. M.; ROCHA MALHEIROS, M. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. *Revista espirales*, 5(1), 174-193, 2021. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>
- FERNÁNDEZ-SANDE, Manuel.; GALLEGO PÉREZ, Ignacio. Diversity, innovation and policies. *Radio, Sound & Society Journal*, v. 1, n. 1, p. 7-9, Ecrea Radio Research Section, 2016.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo *et al.* A consolidação dos estudos de rádio e mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comum*, São Paulo, SP, v. 40, n. 3, set./dez. 2017.
- GARCÍA, Joaquín Torres. *La Escuela del Sur*. In: Universalismo constructivo. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>
- MAIA, Mauro Celso Feitosa. *O que é rádio: perspectivas teóricas na pesquisa em Comunicação*. 2019. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de cartógrafo. *Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- OLIVEIRA, Madalena. Entre a paixão dos profissionais e a discrição dos acadêmicos. In: ZUCULOTO, Valci; LOPEZ; Debora; KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom em perspectiva*. São Paulo: Intercom, 2016.
- OLIVEIRA, Madalena. *Som em frequência moderada: cartografia dos Estudos de Rádio em Portugal*. 2015.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.) *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad y modernidad-racionalidad*. 1992. Disponível em: <https://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>
- ROSÁRIO, Nísia Martins do. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: MOURA, Cláudia Peixoto; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- SALGADO, Tiago Barcelos Pereira; MATTOS, Maria Ângela. Índícios de colonialidade nas abordagens comunicacionais brasileiras: o primeiro quadriênio dos anais do Encontro Compós (2000-2003). *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, vol. 45, e2022103, 2022
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Novos estud. – CEBRAP n. 79 São Paulo, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em 16 de junho de 2023.
- SANTOS, Boaventura de Sousa.; ARAÚJO, Sara.; BAUMGARTEN, Máira. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa. *Sociologias, [S. l.]*, v. 18, n. 43, 2016. DOI: 10.1590/15174522-018004301. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/68312>. Acesso em: 13 ago. 2022.
- SIMÕES, Paula; FRANÇA, Vera. *et al.* Estudos de jornalismo no Brasil: panorama dos trabalhos apresentados nos encontros da COMPÓS. *Libero*, Ano XXIII – no. 45 jan. / jun. 2020
- 
- Artigo enviado em 16/09/2023 e aceito em 06/12/2023.

